

PRINCIPAIS METODOLOGIAS APLICADAS PARA ANÁLISE DE BIÓPSIA MAMÁRIA: UMA REVISÃO DE LITERATURA

¹Ana Victória Mota Lima; ²Luana Tífany Lima Silva; ³Raimundo Azevedo Vilarouca Neto.

¹Pós-graduanda em Oncologia e Hematologia pela Universidade Unileya; ²Biomédica pelo Centro Universitário Doutor Leão Sampaio (UNILEÃO); ³Pós-graduando em Farmacologia Clínica Baseada em Evidências pelo Instituto de Ciência, Tecnologia e Qualidade (ICTQ)

Área Temática: Biomedicina e Inovação em Pesquisa

Modalidade de apresentação: Pôster – Simples

Email: anavitoria15@gmail.com

RESUMO

INTRODUÇÃO: O câncer de mama é um dos mais prevalentes na população feminina, sendo indicada a realização de uma mamografia de rastreio para mulheres de 50 a 69 anos a cada dois anos, e caso apresente alterações nesse exame, faz-se necessário a realização de exames complementares para que um diagnóstico preciso seja estabelecido. **OBJETIVO:** Descrever as principais metodologias que podem ser empregadas para análise de biópsia mamária. **MÉTODOS:** Trata-se de uma revisão de literatura, onde foram pesquisados artigos publicados entre os anos de 2014 a 2022 nas plataformas SciELO, PubMed e LILACS. Foram aplicados os descritores “Biópsia de mama” e “Metodologias de coleta” com uso do operador booleano AND. Inicialmente, foram encontrados 21 artigos e, após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, totalizaram-se 9 artigos incluídos na pesquisa. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Biópsia é um tipo de procedimento onde uma pequena quantidade do tecido é removida para que seja feito um estudo anatomo-patológico. As metodologias empregadas incluem a punção aspirativa por agulha fina (PAAF), punção aspirativa por agulha grossa, biópsia excisional, biópsia do linfonodo sentinel e análise citológica da descarga papilar. Todas essas metodologias possuem suas vantagens e desvantagens, sendo necessária uma avaliação do estado clínico do paciente, tamanho e localização do tumor para a escolha da melhor metodologia. **CONCLUSÃO:** A mamografia é o exame de rastreio para lesões de mama suspeitas de malignidade e as metodologias de biópsias são aplicadas para confirmar a presença ou ausência de lesão neoplásica. Existem diversas metodologias que podem ser aplicadas, entretanto, devido à praticidade, baixo custo e sensibilidade, a PAAF é a mais empregada por fornecer bons resultados quanto à diferenciação de lesões malignas ou tecido inflamatório.

Palavras-chave: Biópsia de mama; Metodologia; Coleta.

1 INTRODUÇÃO

O câncer é um dos maiores problemas de saúde no mundo, sendo o câncer de mama um dos mais incidentes na população feminina. A Organização Mundial de Saúde (OMS) preconiza que 70% das mulheres de 50 a 69 anos realizem, pelo menos, uma mamografia a cada dois anos, para que seja realizado um rastreamento na população de risco (SADOVSKY et al, 2015).

Ao apresentar um nódulo ou qualquer outro sintoma suspeito de câncer de mama é necessária à realização de exames que confirmem ou descartem a presença da lesão. Assim, exames clínicos, de imagem e biópsias são realizados a depender do tamanho, suspeita diagnóstica e sintomatologia da paciente (INCA, 2022).

A mamografia é um exame de rastreio, entretanto, podem surgir dúvidas quanto a natureza do tumor mamário, se origem benigna ou maligna. Com isso, apenas a utilização da mamografia torna-se insatisfatória para um diagnóstico preciso, sendo necessária a utilização de outras metodologias de diagnóstico, como é o caso da biópsia incisional que pode ser realizada de diversas formas, sendo a Punção Aspirativa por Agulha Fina (PAAF) uma das mais realizadas (ORTIZ-MENDOZA; SANCHEZ; DIRCIO, 2018).

Muitas metodologias podem ser aplicadas para obter amostra de citologia mamária, como PAAF, descarga papilar, lavagem ductal e raspado intraoperatório. Atualmente, existem duas metodologias que são mais utilizadas, sendo elas a PAAF e a descarga papilar. Essas técnicas são mais empregadas e aceitas dentre os profissionais de saúde por conseguirem representar várias alterações, variando desde alterações inflamatórias ao câncer (ELICKER et al, 2019).

Diante do exposto, objetiva-se, com este trabalho, descrever as principais metodologias que podem ser empregadas para análise de biópsia mamária.

2 MÉTODO

Trata-se de uma revisão de literatura, onde foram pesquisados artigos publicados entre os anos de 2014 a 2022 nas plataformas *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e PubMed. Os descritores utilizados para a pesquisa foram “Biópsia de mama” e “Metodologias de coleta” com utilização do operador booleano AND. As palavras-chave tinham que constar no título ou resumo do trabalho. Foram incluídos estudos no idioma português, disponíveis na íntegra.

Foram excluídos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), livros, teses e dissertações. Inicialmente, foi encontrada uma soma de 21 artigos em todas as plataformas. Após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão e leitura dos resumos, foram selecionados 9 artigos para compor esse estudo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Biópsia é um tipo de procedimento onde uma pequena quantidade do tecido é removida para que seja feito um estudo anatomo-patológico. Para a análise, diversas metodologias podem ser aplicadas, e a escolha de cada metodologia depende de alguns fatores específicos, como o tipo de lesão, tamanho, localização, quantidade de tumores e aspecto clínico do paciente (INSTITUTO ONCOGUIA, 2020).

A punção aspirativa por agulha grossa (PAG ou *core biopsy*) consiste na retirada de um fragmento do tecido com o auxílio de uma agulha de calibre maior que a PAAF, e essa agulha é acoplada a uma pistola específica. Durante o procedimento, o paciente está sob anestesia local e vários fragmentos de poucos milímetros são retirados, sendo essa metodologia mais aplicada quando o médico suspeita de malignidade (INSTITUTO ONCOGUIA, 2020).

A biópsia excisional é efetiva por remover todo o tumor, entretanto, as punções são mais utilizadas por permitirem a análise imunohistoquímica previamente ao tratamento, fornecendo mais informações sobre os tipos de células envolvidas no processo neoplásico. Desta forma, um tratamento mais específico pode ser empregado, fornecendo um melhor prognóstico ao paciente (RAUPP et al, 2017).

O primeiro linfonodo a receber a drenagem linfática da região tumoral é chamado de linfonodo sentinela, e através disso, outra metodologia pode ser aplicada, a biópsia do linfonodo, sabendo-se que há drenagem do linfonodo sentinela como consequência da progressão ordenada de células tumorais pelo sistema linfático. Assim, o estudo histopatológico é realizado para avaliar a presença de metástases axilares (SOUZA et al, 2015)

Nesse caso, a PAAF consiste na remoção de células do tecido mamário, um procedimento ambulatorial e de baixo custo, sendo mais acessível para os pacientes e para os consultórios médicos (ORTIZ-MENDOZA; SANCHEZ; DIRCIO, 2018). A PAFF é a metodologia mais empregada por ser pouco invasiva e apresentar alta eficiência, principalmente quando realizada com auxílio de

ulassonografia (PAAF-us). Neste último procedimento, é utilizada uma agulha mais fina acoplada a uma seringa para aspiração do tecido e a posição da agulha é guiada pela ultrassonografia. A coleta é realizada em vários movimentos, para frente e para trás, para que se obtenha um material abundante que, posteriormente, é fracionado em várias lâminas (ROSINI; SALUM, 2014).

A descarga papilar é um sintoma muito frequente em alterações na mama, podendo estar associada também a alterações benignas e fisiológicas, entretanto algumas características sugerem malignidade, como derrames unilaterais, espontâneos, persistentes e hemáticos. A análise citológica do material é feita com coleta direta da descarga papilar em lâmina que, posteriormente, é corado com Giemsa. A citologia é um método rápido e indolor, entretanto, apresenta baixa especificidade podendo estar associada a resultados falso-negativo (PAULA; CAMPOS, 2017)

4 CONCLUSÃO

Dado o exposto, nota-se que a mamografia é o exame de rastreio para lesões de mama suspeitas de malignidade. Para confirmação da presença ou ausência de tumores malignos, devem-se aplicar metodologias de biópsias para que seja possível avaliar a característica citológica e histopatológica das células tumorais.

Entretanto, dentro as principais metodologias de biópsias, como biópsia excisional, PAG, PAAF, biópsia do linfonodo e descarga papilar para análise citológica, a técnica de PAAF é a mais empregada devido a praticidade, baixo custo e sensibilidade, além de fornecer bons resultados quanto à diferenciação de lesões malignas ou tecido inflamatório.

REFERÊNCIAS

ORTIZ-MENDOZA, C. M.; SANCHEZ, N. A.; DIRCIO A. C. Fine-needle Aspiration Cytology to Identify a Rare Mimicker of Breast Cancer: Plasma Cell Mastitis. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, v. 40, n. 8, p. 491, 2018.

SADOVSKY, A. D. I. et al. Índice de Desenvolvimento Humano e prevenção secundária de câncer de mama e colo do útero: um estudo ecológico. **Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro**, v. 31, n. 7, p.1539, 2015.

ELICKER, L. M. A. et al. A citologia mamária na detecção precoce do câncer de mama: uma revisão. **Revista espaço ciência e saúde**, v. 7, n. 2, p. 20, 2019.

INCA, INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER. **Câncer de mama.** Disponível em: <<https://www.inca.gov.br/tipos-de-cancer/cancer-de-mama>>. Acesso em: 05 de julho de 2022.

INSTITUTO ONCOGUIA. **Biópsia da mama.** Disponível em: <<http://www.oncoguia.org.br/contudo/biopsia-da-mama/1390/264/>>. Acesso em: 05 de julho de 2022.

RAUPP, G. S. et al. Câncer de mama: Diagnóstico e abordagem cirúrgica. **Acta Méd. (Porto Alegre)**, v. 38, n. 1, p. 1, 2017.

SOUZA, H. P. G. et al. É necessária a Biópsia do Linfonodo Sentinel no Carcinoma Ductal in situ da Mama?. **Revista Brasileira de Cancerologia**, v. 61, n. 1, p. 37, 2015.

ROSINI, I.; SALUM, N.C. Protocolo de cuidados para punção aspirativa por agulha fina de mama e tireoide. **Texto e contexto enfermagem**, v. 23, n. 4, p. 1059, 2014.

PAULA, I.B.; CAMPOS, A. M. Avaliação imaginológica da paciente com derrame papilar. **Colégio Brasileiro de Radiologia e Diagnóstico por Imagem**, v. 50, n. 6, p. 383, 2017.